

Uma Hora nas Sociais

1) — A disposição era de ir às corridas. Mesmo em meio de semana, com a herva curta, ainda que numa inssossa e calorenta quinta-feira de setembro. O moço saiu de casa cheio daquela alegria estranha que a gente só sente de manhã, mas tinha — primeiro — que ir à praia. À praia serena de areias mornas que cerca quase toda a “provincia” de Ipanema. Era estudar os programas do dia, lendo e relendo os “Trabalhos & Aprontos” do nosso Oscarzinho Griffiths, e, de passagem, as considerações do Gil Moniz no “Correio” ou as violências do Celso Pina do “J. B.”



2) — Acontece que no caminho da praia há uma esquina, como poucas esquinas há de haver nesse Rio de Janeiro. É a das ruas Montenegro e Prudente de Moraes, último reduto da rapaziada sadia de Ipanema, capital da “provincia”, onde encontramos nada mais nada menos que o “Bar do Veloso”. E por ali o moço foi ficando. Sua disposição era toda para as corridas e tentou falar no assunto, mas a turma não queria saber disso e o jento foi apelar para o futebol, política, foguetes russos na lua, e Petrobrás.



3) — Mas não se chegava a uma conclusão e o melhor era tratar de samba. Foi quando começaram a surgir esses habitantes eternos da “provincia”, Tom Jobim, Luís Bonfá, Lúcio Cardoso (que faz pouco samba mas muito livro), e a tarde da Gávea foi ficando distante. Só faltavam o “velho” Braga e o Bruno Hermany, este, com seus peixes misteriosos. Bruno deve estar muito difícil por esses tempos, depois que foi consagrado o quinto caçador submarino do mundo. Na pior das hipóteses estará treinando demais agora, para melhorar sua posição.